

Recebido em jul. 2007
Aprovado em out. 2007

DIALÉTICA DE MARCUSE, O TODO É A VERDADE E O TODO É FALSO

ALBERTO DIAS GADANHA *

RESUMO

Este artigo é uma análise do prefácio intitulado *A note on dialectic* escrito por Herbert Marcuse em Março de 1960, por ocasião da segunda edição de seu livro *Razão e revolução - Hegel e o advento da teoria social*, editado anteriormente em 1941. Após dezenove anos Marcuse trata o modo dialético de pensamento como estranho ao universo estabilizado de discurso e ação. Pensamento filosófico é essencialmente a negação daquilo que é imediatamente anterior a nós. A sentença final do texto: "O todo é a verdade e o todo é falso", além de ser a expressão amadurecida de uma posição filosófica dialética, se transformou na ratificação epistêmica do significado estratégico do livro *Razão e Revolução* numa obra voltada para uma efetiva alteração institucional. Esta análise é focada em quatro qualidades do pensamento dialético: totalidade, negatividade, historicidade e subjetividade. Essas qualidades, estruturadas pela linguagem lógica dialética nos permitiram entender os múltiplos aspectos da racionalidade dialética, como racionalidade teórica e histórica, útil como ferramenta de entendimento da filosofia como instrumento de mudança do universo estabilizado de ação e discurso.

PALAVRAS-CHAVE

Dialética. Alteração institucional. Totalidade. Negatividade. Racionalidade. Subjetividade. Historicidade.

ABSTRACT

This article is an analysis of the preface *A Note on Dialectic* written by Herbert Marcuse on March 1960, occasion of the second edition of his book *Reason and Revolution - Hegel and the rise of Social Theory*; first edited in 1941. After nineteen years Marcuse highlights the dialectical mode of thought as alien to the whole established universe of discourse and action. Philosophical thought is essentially the negation of that which is immediately before us. Spite of being expression of a matured philosophical method, the conclusion of Marcuse: "The whole is the truth, and the whole is false." also makes *Reason and Revolution*, the expression of a strategic position in the whole of his work. This analysis is focused on four qualities of the dialectic thought: totality, negativity, historicity and subjectivity. These qualities structured by the dialectic logic language, allowed us to understand multiple aspects of dialectical rationality, as theoretical and historic rationality, useful to understand philosophy as instrument to change the established universe of discourse and action.

KEYWORDS

Dialectic. Institutional change. Totality. Negativity. Historicity. Subjectivity. Rationality.

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - UFSCAR e Professor de Filosofia da UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE.

1. DIALÉTICA ENQUANTO TOTALIDADE

Nenhum método pode reivindicar o monopólio do conhecimento, mas nenhum método parece autêntico se não reconhecer que estas duas proposições são descrições significativas de nossa situação: "O todo é a verdade", e o todo é falso.
 (MARCUSE, 1960, §21)¹

A frase "O todo é a verdade, e o todo é falso", é expressão de uma afirmação filosófica amadurecida, uma posição em que se reconhece duas significações, por um lado uma significação de síntese e por outro uma significação de contingência. O momento da síntese, *o todo é a verdade*, é um momento positivo, expressa uma posição determinada; uma posição sintética, já resultante de contraposições anteriores. No entanto, apesar de positiva, não é uma síntese definitiva. Em quaisquer que sejam os processos humanos, seja nos das avaliações das ciências; isto é, o do estabelecer os melhores meios para se atingir fins; seja nos processos da escolha e assunção dos próprios fins; o homem está sempre apto a alterar o estabelecido, a alterar a positividade atual, seja no aperfeiçoamento dos métodos, seja no aperfeiçoamento dos objetivos a serem efetivados por eles.

O todo é a verdade é uma proposição não definitiva. O grande perigo da posição é tornar-se posição definitiva. O definitivo, pela inspiração e utilização autoritárias, sempre é tratado com muito cuidado na obra de Herbert Marcuse. Toda posição, a que chegamos a cada resultado de contradições anteriores, constitui-se

¹ No method can claim a monopoly of cognition, but no method seems authentic which does not recognize that these two propositions are meaningful descriptions of our situation: 'The whole is the truth,' and the whole is false.

por sua vez num novo elemento que encontrará sempre uma outra contraposição. Sua própria identidade só será reconhecida em contraposição outra alternativa. À identidade opõe-se uma alteridade. Identidade e alteridade estarão sempre em possibilidade de contraposição. Essa possibilidade de alteração faz com que Marcuse acrescente a segunda proposição: *o todo é falso*. O todo verdadeiro está em xeque e pode tornar-se falso, desde o instante que se percebe, ou se constrói uma outra posição. A posição do outro elemento, poderá conforme a situação analisada alterar a consideração do primeiro. Um elemento que não havia sido levado em consideração pode entrar em cena, alterando o já estabelecido. Desconhecer o novo elemento enfraquecerá a primeira posição, reduzirá a estabilidade de sua verdade, restringindo o seu alcance e a sua validade. A construção do verdadeiro exige o encadeamento da primeira proposição com a constatação de seus elementos de falsidade. A negação, agente de alteração é o complemento da percepção e o fortalecimento da confiabilidade e da integralidade das proposições anteriores. A negação posta é a segunda posição. A contraposição é igualmente uma posição, a outra posição.

A contraposição da negação poderá ter outras negações futuras, mas antes de poder abordar as futuras, antes que o encadeamento das contraposições torne-se um encadeamento de absurdos, um sem ligação aos outros, deve-se verificar uma contraposição em relação à primeira posição e só após esta verificação, continuar o processo. Procede-se, ponto a ponto, isto é, posição primeira em relação à contraposição primeira. Diante desta contraposição podem acontecer, ao menos, três possibilidades:

Primeiro, pode ser que o primeiro pólo seja verdadeiro; aí o segundo pólo é falso e tem que ser abandonado. Segundo, pode ser que o segundo pólo seja o verdadeiro e aí é o primeiro que tem que ser abandonado. Mas pode ser, também, que ambos os pólos sejam falsos e aí há que se descobrir, de parte a parte, as verdades apenas parciais contidas nos pólos opostos, para, unindo-as e conciliando-as, engendrar a unidade verdadeira de uma síntese mais alta. (Cirne - Lima, 1996, p. 37).

A síntese mais alta é a possibilidade de se compreender dois elementos inicialmente estéreis e transformá-los em material de avanço nas pretensões humanas. O retrocesso e o absurdo não parecem interessar um processo em dinâmica contínua em que tudo está em relação, em que tudo é relação. O que não é a mesma coisa de dizer que *tudo é relativo*. Tudo é relativo sim, mas se for *relativo a algo*, a algo determinado, a um todo determinado. A relação compreende mais do que um elemento, pode caracterizar-se igualmente como um todo, logo o verdadeiro é a relação, o verdadeiro é o todo, e o todo não está completo porque a cada verificação pode-se estabelecer um novo todo. “O verdadeiro é o todo. Mas o todo é somente a essência que se implementa através de seu desenvolvimento.” (Hegel, FE, p. 36)². O verdadeiro é o todo mas não é o definitivo. O processo continua. A verdade exige a continuidade dos passos que

² Marcuse coloca entre aspas a primeira proposição *o todo é a verdade*. Estas aspas referem-se a citação da conhecida frase do prefácio à *Fenomenologia do Espírito*. “Das Wahre ist das Ganze. Das Ganze aber ist nur das durch seine Entwicklung sich vollendende wesen.” (Hegel, *Phänomenologie des Geistes*, §. 20) Da mesma forma como Marcuse a completou, Hegel a completava e de certa maneira podemos concordar que o significado das complementações tem elementos de coincidência.

a constroem. O passo é verdadeiro enquanto encadeado aos outros passos do processo.

Marcuse destaca, ao expor a dinâmica dialética, que Hegel acentua enfaticamente o positivo. *O pensamento dialético de Hegel não o impediu de desenvolver sua filosofia num sistema ordenado e completo que, enfim acentua enfaticamente o positivo.* (MARCUSE, 1960, §18)³. O positivo tem seu lugar no processo, se não pudermos confirmar e fundar-se na primeira proposição, como poderá haver continuidade do processo. *Acentuar enfaticamente o positivo* pode também significar que o positivo seria o único elemento determinante da dinâmica do sistema.

Se a dinâmica do processo só tiver como determinante o elemento positivo, a afirmação de uma só proposição, o processo já estaria determinado desde o primeiro momento conforme a primeira posição. A positividade trancaria o sistema, caracterizando o que se denomina de sistema fechado. Transformaria o processo num processo positivista no qual as conseqüências já estariam previstas por uma função linear pressuposta e codificada a priori. O capítulo *O fim do hegelianismo em Razão e Revolução*⁴, é explícito em demonstrar esses caminhos de interpretação hegeliana.

A Dialética enquanto totalidade pode ser compreendida como identidade entre liberdade e pensamento. *Contra os diversos obscurantistas que*

³ Dialectical thought has not hindered Hegel from developing his philosophy into a neat and comprehensive system which, in the end, accentuates the positive emphatically.

⁴ Marcuse, H. *Razão e Revolução*. Tradução brasileira. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

insistem no direito do irracional versus a razão, na verdade do que é natural versus o intelecto, Hegel indissoluvelmente liga progresso na liberdade a progresso no pensamento, ação à teoria. (MARCUSE, 1960, §19)⁵. A dinâmica do processo da totalidade em Marcuse não é arbitrária, é construída pela capacidade humana de avaliação e de escolha dos seus fins. A necessidade do positivo, é contrapartida ao absurdo. Os absurdos, percebidos tanto na natureza quanto a partir de iniciativa propriamente humana, além de serem compreendidos em si, podem ser aceitos ou rejeitados. Enquanto rejeição ou aceitação é prerrogativa da liberdade, compreensão é prerrogativa do pensamento. Aceitação ou rejeição não pode ser efetivada sem a prerrogativa da primeira suposta compreensão pelo pensamento. A sua percepção pode ser seguida por sua aceitação ou rejeição. Avaliação valorativa dependente de reflexão. O pensamento é o instrumento-critério é a condição para se estabelecer a relação pensamento-liberdade ou pensamento-absurdo e poder verificar o caminho mais adequado do processo à liberdade ou à estagnação da não-partida do processo.

A ligação de Marcuse com a Filosofia Crítica é caracterizada pela clarividência de seu pressuposto: de que não há contraposições intransponíveis na relação sujeito e objeto, assim como na relação entre fatos e valores. Marcuse apresenta um outro patamar, o da compreensão no qual o objeto é compreendido em relação ao sujeito e os fatos em relação aos valores.

O pensamento dialético invalida a oposição apriori entre valor e fato, compreendendo todos os fatos como

⁵ Against the various obscurantists who insist on the right of irrational versus the intellect Hegel inseparably links progress in freedom to progress in thought, action to theory.

etapas de um único processo – processo em que sujeito e objeto estão tão unidos que a verdade só pode ser determinada em sua totalidade. (MARCUSE, 1960, §4)⁶.

Apesar de cada pólo da relação manter sua independência, eles só podem ser compreendidos em suas relações recíprocas. Não há objeto sem sujeito que o possa reconhecer, nem haverá sujeito se não houver algo de diverso em relação ao qual possa ser caracterizado. O sujeito é compreensível enquanto determinante das possibilidades para ele do objeto. A relação recíproca é possível igualmente entre fatos e valores. Os fatos são compreendidos enquanto valores para algum sujeito e os valores são valores para um sujeito enquanto mantiverem em si suas próprias propriedades diversificadas de outros fatos. A verdade volta a ser compreendida enquanto todo, enquanto relação recíproca. O todo é a linguagem, é a forma de compreensão, da representação racional. Pela exigência do todo, Marcuse permanece coerente ao refletir sobre a compreensão da história humana. Outra forma de efetivação da dialética enquanto pensar do todo, é a consideração da história como efetivação de síntese:

Para a história da humanidade, isto significa atingir um “estágio do mundo” no qual o indivíduo persiste numa indissolúvel harmonia com o todo e no qual as condições e as relações do seu mundo “não têm

⁶ Dialectical thought invalidates the a priori opposition of value and fact by understanding all facts as stages of a single process – a process in which subject and object are so joined that truth can be determined only within the subject-object totality.

objetividade essencial independente do indivíduo”.
(Marcuse, 1960, 9)⁷.

A autonomia do indivíduo na modernidade foi colocada como valor ontológico principal, sua subjetividade é valor apriórico, determinante da sociedade e do estado. Entretanto pela compreensão dialética, o indivíduo está inserido no processo não só enquanto determinante, mas também como determinado. O indivíduo no processo histórico da humanidade pode ser compreendido na sua relação como sujeito, determinante, ou como objeto, determinado. A sua definição estará dependente de sua função histórica efetiva, enquanto a modernidade o considera como um universal abstrato, como um valor de dever-ser, separado de sua existência, de seu ser sob o significado de estar.

Repetindo o critério da reciprocidade, o mundo não completa sua objetividade sem o indivíduo singular e o indivíduo singular, sua objetividade verdadeira, sem a compreensão de sua reação no mundo. Mundo e indivíduo são apresentados enquanto harmonia indissolúvel, o verdadeiro, o todo não tem objetividade essencial independente do indivíduo. Quando se pronuncia, indivíduo, se diz singularidade, se diz contingência histórica, contingência existencial. A objetividade do todo apesar de relevar, a primeira vista, universalidade, é igualmente dependente de singularidade, o verdadeiro universal na linguagem dialética é a universalidade concreta. A verdadeira história é a história

⁷ For the history of mankind, this means attainment of a ‘state of the world’ in which the individual persists in inseparable harmony with the whole, and in which the conditions and relations of his world ‘possess no essential objectivity independent of the individual’.

de singularidades. Indivíduo singular e humanidade eis a faceta do todo, da história, o todo enquanto humanidade vivida historicamente.

2. DIALÉTICA ENQUANTO NEGATIVIDADE

O pensamento dialético portanto torna-se negativo em si mesmo. Sua função é quebrar a auto-segurança e o contentamento consigo do senso comum para destruir a sinistra confiança no poder e na linguagem dos fatos.

(MARCUSE, 1960, §10)⁸

A realidade compreendida positivamente revela a aceitação do Universo Estabelecido do Discurso e da Ação. A configuração do *status quo* é positiva, isto já é de domínio comum. O senso comum se responsabiliza por expor os fatos, e os compreende integrados ao poder vigente, fazendo parte de uma totalidade aceita sem contestação. No entanto, a realidade pode ser também compreendida a partir da pressuposição de sua instabilidade, da pressuposição de que há um processo em andamento e não uma simples estagnação. Como processo, a realidade é vista como um acontecer de diversos tipos de eventos, de diversos tipos de interesses. Transformar a realidade atual em realidade aceita é uma tarefa para os teóricos integrados interesseiramente à ordem estabelecida. Seus conceitos obedecerão às regras de um pensar em que os fatos se harmonizam com a totalidade vigente.

⁸ Dialectical thought thus becomes negative in itself. Its function is to break down the self-assurance and self-contentment of common sense, to undermine the sinister confidence in the power and language of facts.

Compreender a realidade como diferença é uma maneira de efetivar a dialética enquanto negatividade. A realidade compreendida como processo interpreta os diversos eventos como integrados ou não, numa unidade, coerentes ou não entre si. A realidade pode guardar surpresas para o observador, seus conceitos, suas observações devem corresponder aos fatos da realidade, para poder apresentá-los como coerentes ou como contrapostos entre si. O observador não pode deixar de pronunciar-se; não pode deixar de considerar as contradições apresentadas pela realidade, deixar de compreendê-las em sua concretude é reduzir a realidade a abstrações, a inseqüências. Para Marcuse: *À proporção que tais conceitos desconsideram as inevitáveis contradições que constituem a realidade, abstraem-se do próprio processo da realidade.* (MARCUSE, 1960, §2)⁹ Realidade é o resultado do processo em que o quê é torna-se o outro de si. Realidade é resultado de processo, é resultado de alterações constantes:

Nada é real (a não ser) que se sustente na existência, na luta de vida e morte com situações e condições de sua existência. [...] Realidade é o resultado constantemente renovado do processo de existência – o processo, consciente ou inconsciente em que “o que é” torna-se “o outro de si”. (MARCUSE, 1960, §6)¹⁰.

⁹ To the extent that these concepts disregard the fatal contradictions which make up reality, they abstract from the very process of reality.

¹⁰ Nothing is ‘real’ which does not sustain itself in existence, in a life-and-death struggle with the situations and conditions of its existence. [...] Reality is the constantly renewed result of the process of existence – the process, conscious or unconscious in which ‘that which is’ becomes ‘other than itself’.

O outro de si, o *alter*, está posto assim que o primeiro elemento tenha sido colocado. Realidade não é o que se apresenta positivamente enquanto elemento isolado, realidade é este elemento que aí – está, a sua aparência. Aparência não no significado de expressão de sua essência: (*é isso mesmo*), mas aparência, no outro significado, isto é, enquanto negação de sua essência, a coisa está assim sob estas circunstâncias, mas poderá ser algo diverso, à medida que cessem suas condições anteriores. Para Marcuse a realidade está em permanente possibilidade de alteração, o que é (estar) torna-se o outro de si. A substância é processada, é processual. As suas diferenças não constam somente dos acidentes, como eram compreendidas pelas filosofias metafísicas que pressupunham a estabilidade da substância, e explicavam as diferenças como apostos denominados acidentes.

Marcuse constata que o específico da subversão materialista realizada por Marx em relação à dialética de Hegel é “o reconhecimento que as formas estabelecidas de vida estavam atingindo o estágio de sua negação histórica.” (MARCUSE, 1960, §19)¹¹. Ele explicita que o cerne da dialética está em reconhecer no existencial, no histórico a sua própria alteração. O *status quo* já apresenta ao observador dialético, o próprio cerne de sua alteração, de sua destruição. A alteração não é devida a um demiurgo extrassocial, ela está exposta pela própria realidade a ser alterada. O específico do pensar dialético é revelar o negativo a partir do positivo que já lhe está posto.

¹¹ [...] rather a recognition that the established forms of life were reaching the stage of their historical negation.

A “subversão” materialista de Hegel feita por Marx, portanto, não foi uma alteração de uma posição filosófica para outra, nem de filosofia para teoria social, mas sim um reconhecimento que as formas estabelecidas de vida estavam atingindo o estágio de sua negação histórica. (MARCUSE, 1960, §19)¹².

O poder do pensar e da poesia estão na capacidade de estabelecer o negativo, na capacidade de poder negar as coisas. O pensar autêntico é o poder de expor o que não está visível. Marcuse confirma o pensar como o negar do imediato. Pensar é revelar a negatividade de tudo ou do ser. O ser está indeterminado, uma de suas determinações é sua negatividade, o não-ser. A negatividade além de relevar um não evidente, o negativo; propicia e instiga sua própria superação. O processo não é a simples negatividade, mas sim a resultante da contraposição entre o negativo e o positivo. De modo que em contraposição ao ser abstrato, o pensar apresentou-se como negação, como não-ser, diante deste impasse (ser abstrato – não ser), o pensar apresenta-se como, *a negação da negação*, que para a doutrina do ser, denomina-se devir. Devir é a síntese entre as contraposições ser e não-ser. O pensar contínuo, o seu fluxo pela negação do primeiro ser e depois de sua própria negação, o não-ser, estabelece o elemento comum entre eles, o devir.

Marcuse aproxima filosofia e poesia, aproximando Hegel e Valéry. Para o primeiro, o único pensamento autêntico é o poder de negar as coisas e cita Valéry que considera a poesia, capaz de igual proeza.

¹² Marx’s materialistic ‘subversion’ of Hegel, therefore, was not a shift from one philosophical position to another, nor from philosophy to social theory, but rather a recognition that the established forms of life were reaching the stage of their historical negation.

Poesia é então, o poder de negar as coisas – poder que Hegel afirma, paradoxalmente, como único pensamento autêntico. Afirma Valéry: O pensamento, em suma, é o trabalho que faz viver em nós o que não existe.” (MARCUSE, 1960, §14)¹³.

A negação é igualmente um ato positivo. A primeira contraposição, a antítese e a negação da negação, a síntese, perfazem um ciclo. A síntese enquanto resultado apresenta algo positivo. O positivo-resultado não é idêntico ao positivo inicial. O inicial é a tese que, se isolada em si, torna-se estéril de verdade porque não chegará a dizer o que é “efetivamente”. O verbo ser que se costuma conjugar na tese não é o verbo ser *efetivo*, e sim refere-se ao “aí-estar” do verbo estar. A coisa está assim, mas não é assim, ela é outra coisa.

A função libertadora é função positiva, construtora. O processo, tese – antítese – síntese, prevê um enriquecimento (positivo) em relação tanto à primeira posição falsa, pela evidência da antítese que a contestou, quanto em relação à antítese que a superou. A negação enquanto processo é uma supra-assunção, um sobre assumir a primeira e a segunda posições. *A função libertadora da negação no pensamento filosófico depende do reconhecimento que a negação é um ato positivo: o-que-é repele o-que-não-é e, sendo assim, repele suas próprias possibilidades reais.* (MARCUSE, 1960, §11)¹⁴.

¹³ Poetry is thus the power ‘de nier les choses’ (to deny the things) – the power which Hegel claims, paradoxically, for all authentic thought. Valéry asserts: La pensée est, en somme, le travail qui fait vivre en nous ce qui n’existe pas.

¹⁴ The liberating function of negation in philosophical thought depends upon the recognition that the negation is a positive act: that-which-is repels that-which-is-not and, in doing so, repels its own real possibilities.

Pela negação chega-se ao que é, essa é a grande afirmação, que exige distorce e falsifica o que efetivamente é uma realidade falsa, uma realidade distorcida. *Consequentemente, para expressar e definir o-que-é em seus próprios termos é distorcer e falsificar realidade. Realidade é outra e mais do que está codificado na lógica e na linguagem dos fatos.* (MARCUSE, 1960, §11)¹⁵.

A negação é o cerne do pensar dialético, e enquanto *negação determinada* evidencia ainda mais o princípio – mestre deste pensamento. Negação é negação de algo, não é uma curtição de devaneios, não é busca de nada, não é um mergulho num infinitesimal. *O vocabulário e a gramática da linguagem da contradição ainda são aqueles do jogo (não há outros), mas os conceitos codificados na linguagem do jogo são redefinidos pela relação deles com sua “negação determinada”.* (MARCUSE, 1960, §16)¹⁶.

Ser determinado já foi exigência dos empíricos para fugir das abstrações metafísicas, tidas, por eles metafísicos, como definitivas. Buscar o determinado é a resposta para aquele que procura um conhecimento seguro e concreto. *A negação é determinada ao referir o estado estabelecido de coisas aos fatores básicos e às forças*

¹⁵ Consequently, to express and andi define that-which-is on its own terms is to-distort and falsify reality. Reality is other and more than that codified in the logik and language of facts.

¹⁶ The vocabulary and grammar of the language of contradiction are still those of the game (there are no others), but the concepts codified in the language of the game are redefined by relating them to their ‘determinate negation’.

que agem para sua destruição, assim como a possíveis alternativas além do status quo. (MARCUSE, 1960, §16)¹⁷.

A negação determinada garante que a contradição ao imediato seja redefinida a partir de sua própria interioridade. É pela negação das determinações concretas que se atingem os absurdos existenciais controlados politicamente e emerge a alternativa aos absurdos consentidos. A linguagem apolítica é expressão autêntica da negação determinada historicamente.

Na realidade humana, há fatores e forças históricas, e a negação determinada é finalmente uma negação política. Como tal, ela pode sim, encontrar sua expressão autêntica numa linguagem apolítica, e cada vez mais acentuada na medida em que toda dimensão da política torna-se parte integral do status quo. (MARCUSE, 1960, §16)¹⁸.

A alteração da contradição, pensamento-ação, depende da habilidade de uma lógica crítica que exponha a alienação e reponha a coerência. Lógica crítica significa compreensão dinâmica:

O progresso da cognição do senso comum ao conhecimento chega até um mundo que é o negativo em sua própria estrutura porque o que é real se opõe e nega as potencialidades que lhe são inerentes –

¹⁷ The negation is determinate if it refers the established state affairs to the basic factors and forces which make for its destructiveness, as well as for the possible alternatives beyond the status quo.

¹⁸ In the human reality, they are historical factors and forces, and the determinate negation is ultimately a political negation. As such, it may well find authentic expression in nopolitical language, and the more so as the entire dimension of politics becomes an integral part of the status quo.

potencialidades que por si mesmo lutam por realizarem-se. (MARCUSE, 1960, §10)¹⁹.

A etimologia de crítica se refere a crescer. A negatividade é assim instrumento para que se possa compreender o universo estabelecido na perspectiva de seu crescimento, de sua alteração:

Desde que o estabelecido universo do discurso é o de um mundo não-livre, o pensamento dialético é necessariamente destrutivo, e qualquer que seja a liberação que tal discurso possa trazer é uma liberação em pensamento, em teoria. Entretanto, o divórcio entre pensamento e ação, entre teoria e prática, faz parte mesmo do mundo não livre. (MARCUSE, 1960, §17)²⁰.

Pensar a negatividade enquanto simples contraposição é compreender o pensamento contraposto ao real é submeter-se à impossibilidade de a liberdade informar o real: *Nenhum pensamento e nenhuma teoria pode desfazer isto; mas a teoria pode ajudar a preparar a fundação para sua possível reunião, e a habilidade de pensamento para desenvolver uma lógica e uma linguagem de contradição é um pré-requisito para esta tarefa.* (MARCUSE, 1960, § 17)²¹.

¹⁹ The progress of cognition from common sense to knowledge arrives at a world which is negative in its very structure because that which is real opposes and denies the potentialities inherent in itself - potentialities which themselves strive for realization.

²⁰ Since the established universe of discourse is that of an unfree world, dialectical thought is necessarily destructive, and whatever liberation it may bring is a liberation in thought, in theory. However, the divorce of thought from action, of theory from practice, is itself part of the unfree world.

²¹ No thought and no theory can undo it; but theory may help to prepare the ground (or their possible reunion, and the ability of thought to develop a logic and language of contradiction is a prerequisite for this task.

3. DIALÉTICA ENQUANTO HISTORICIDADE

A análise dialética ultimamente tende a tornar-se análise histórica, na qual a própria natureza aparece como parte e estágio na sua própria história e na história do homem.

(MARCUSE, 1960, §10)²²

Historicidade se refere a uma identidade determinada. A identidade entre as dinâmicas da liberdade e do pensamento, não é uma identidade *simples*, em que o A que falamos é o mesmo A de que se fala; nem é a identidade *iterativa*, de um A qualquer que se repete, nem a identidade *reflexa*, que denomina um A idêntico, reflexo em relação a um outro A. A identidade de que Marcuse trata, quando identifica sujeito-objeto, fatos-valores, e neste caso liberdade e pensamento, é uma identidade de diferentes, a identidade sintética entre tese e antítese, entre duas proposições que numa primeira aproximação apresentam-se como falsas, algo como contradições não harmonizáveis, mas que depois de pensadas podem ser consideradas, uma harmonizável à outra, isto devido a possibilidades unificadoras. Identificadas sim, mas em nível superior, ao nível de síntese, em nível de supra-assunção entre tese e antítese da liberdade e do pensamento. Síntese histórica porque não acontece em nível do dever-ser, mas em nível da situação histórica determinada. A síntese, com característica de *historicidade*, refere-se a uma totalidade situada, determinada em contingências temporais e espaciais. *Contra os diversos obscurantistas que insistem*

²² Dialectical analysis ultimately tends to become historical analysis, in which nature itself appears as part and stage in its own history and in the history of man.

no direito do irracional versus a razão, na verdade do que é natural versus o intelecto, Hegel indissolúvelmente liga progresso na liberdade à progresso no pensamento, ação à teoria. (MARCUSE, 1960, §19).

A objetividade essencial da história pressupõe a indissolúvel harmonia do indivíduo com o todo, pressupõe que o indivíduo só continuará a construir-se como indivíduo nas condições históricas determinadas. Sua objetividade essencial é recíproca à objetividade individualizada no mundo. *Para a história da humanidade, isto significa atingir um “estágio do mundo” no qual o indivíduo persiste numa indissolúvel harmonia com o todo e no qual as condições e as relações do seu mundo “não têm objetividade essencial independente do indivíduo”.* (MARCUSE, 1960, §9).

O processo de independência do indivíduo, a realização efetiva da subjetividade, só chega a si em situação histórica. A subjetividade só tem seu conteúdo racional no processo histórico efetivo, para diferenciarse de um processo histórico elaborado acima da concreção fática, em nível de possibilidades cognoscíveis.

A identidade é apenas a negação contínua de existência inadequada, o sujeito mantendo-se sendo o outro de si mesmo. Qualquer realidade é, portanto, uma realização – um desenvolvimento de “subjetividade”. Esta subjetividade “chega a si” na história; onde o desenvolvimento tem um conteúdo racional, [...] (MARCUSE, 1960, §6)²³.

²³ identity is only the continuous negation of inadequate existence, the subject maintaining itself in being other than itself. Each reality, therefore, is a realization – a development of ‘subjectivity.’ The latter ‘comes to itself’ in history, where the development has a rational content.

Historicidade corresponde à capacidade de negação que possibilita construir uma alternativa política efetiva da liberdade que pode estar implícita na adversa situação histórica. Nas palavras de Marcuse: *progresso na liberdade depende do pensamento tornar-se político, sob a forma de uma teoria que demonstre a negação como uma alternativa política implícita na situação histórica.* (MARCUSE, 1960, §19)²⁴.

Já citamos ao expormos a *realidade enquanto diferença*; no texto. Que “o específico do pensar dialético é revelar o negativo a partir do positivo que já lhe está posto” (item 1). O que já lhe está posto indica a situação histórica determinada. Significa que a Historicidade é a condição para reconhecimento tanto da aparência (histórica) enquanto *negação de sua essência* quanto da aparência (histórica) enquanto *expressão de sua essência*. “A ‘subversão’ materialista de Hegel feita por Marx, [...] foi sim um reconhecimento que as formas estabelecidas de vida estavam atingindo o estágio de sua negação histórica.” (MARCUSE, 1960, §19)²⁵.

Marcuse utilizando-se da exposição de Hegel, considera que seria necessário estar ciente das implicações de não se aceitar que a liberdade como categoria ontológica, que prevê que o homem pode transformar sua situação de falta de liberdade, de fatalidade, em realização. É ao homem que cabe a efetivação da liberdade, contando com todas as condições

²⁴ [...] progress in freedom depends on thought becoming political, in the shape of theory which demonstrates negation as a political alternative implicit in the historical situation.

²⁵ [...] but rather a recognition that the established forms of life were reaching the stage of their historical negation; [...].

que envolvem sua determinação histórica, as naturais e as do próprio tempo existencial. *Mas liberdade é para Hegel, uma categoria ontológica: isto significa ser, não um mero objeto, mas sujeito de sua própria existência, não sucumbir a condições externas, mas transformar fatalidade em realização.* (MARCUSE, 1960, §7)²⁶.

4. DIALÉTICA ENQUANTO RACIONALIDADE

A Razão, enquanto desenvolvimento e aplicação do conhecimento do homem – enquanto “pensamento-livre” – foi o instrumental na criação do mundo em que vivemos. Ela também foi instrumental de sustentação da injustiça, o trabalho forçado e o sofrimento. Mas a Razão, e só a Razão, contém seu próprio corretivo.
(MARCUSE, 1960, §18)²⁷

Racionalidade diz totalidade, diz negatividade, diz historicidade. Razão é a capacidade de apreender as diferenças enquanto elementos de uma totalidade, é a condição para que se compreenda a negatividade enquanto elemento do processo dialético: *Razão é a negação do negativo.* (MARCUSE, 1960, §10)²⁸. Dialética exige racionalidade enquanto capacidade de negar; capacidade de síntese, da negação da negação. Dialética exige o elemento que traz a história para uma totalidade compreensiva; que inclui as contingências existenciais

²⁶ But freedom is for Hegel an ontological category: it means being not a mere object, but the subject of one's existence; not succumbing to external conditions, but transforming factuality into realization.

²⁷ Reason, as the developing and applied knowledge of man – as 'free thought' -was instrumental in creating the world we live in. It was also instrumental in sustaining injustice, toil, and suffering. But Reason, and Reason alone, contains its own corrective.

²⁸ Reason is the negation of the negative.

num patamar da totalidade conceitual, da compreensão das contingências, elementos que compõem com os atores o cenário da vida. Os elementos contingentes caracterizam a totalidade sintética em sua concretude. Racionalidade é reconhecer as contingências nesta totalidade. Reconhecer torna-se a palavra chave da racionalidade.

Hegel vê a tarefa do conhecimento como a de reconhecer o mundo como Razão, compreendendo todos os objetos de pensamento como elementos e aspectos de uma totalidade que se torna um mundo consciente na história da humanidade. (MARCUSE, 1960, §10)²⁹.

Dialética pela racionalidade transforma-se na capacidade de reconhecer no aí-está, o ser; de reconhecer na escravidão histórica, possibilidades de libertação efetiva. Marcuse aglutina no pensar, no conceito de razão, mundo e consciência. A racionalidade é um elemento que torna a Dialética capaz de se confrontar com a realidade. Racionalidade tem a ver com a capacidade de, no confronto com a realidade, passar do senso comum para o conhecimento, reconhecendo inversões de compreensão e inversões de realidade antes despercebidas.

O progresso da cognição do senso comum ao conhecimento chega até um mundo que é o negativo em sua própria estrutura porque o que é real se opõe e nega as potencialidades que lhe são inerentes –

²⁹ Hegel sees the task of knowledge as that of recognizing the World as Reason by understanding all objects of thought as elements and aspects of a totality which becomes a conscious world in the history of mankind. Dialectical analysis ultimately tends to become historical analysis, in which nature itself appears as part and stage in its own history and in the history of man.

potencialidades que por si mesmo lutam por realizarem-se. Razão é a negação do negativo. (MARCUSE, 1960, §10)³⁰.

A dialética verifica, nas contingências existenciais, as potencialidades não efetivadas. A razão reconhece este fato, reconhece a necessidade de negar o que prejudica e nega as potencialidades humanas, historicamente contingenciadas. A razão nega o negativo, é a negação do que está impedindo as potencialidades humanas. A razão constrói pela capacidade de síntese uma compreensão das contingências históricas em relação à possibilidade de serem alteradas.

Marcuse especifica os limites de uma filosofia que compreende a razão estaticamente: *o pensamento dialético de Hegel não o impediu de desenvolver sua filosofia num sistema ordenado e completo que, enfim acentua enfaticamente o positivo.* (Marcuse, 1960, §18)³¹. Uma filosofia que desenvolve um sistema ordenado e completo só poderia estar fundado numa concepção de Razão pré-determinada. Tudo já esteve anteriormente determinado. Se tivesse havido contraposições para a formação desta síntese, elas lhe foram anteriores. A Razão não necessitaria mais de atualização, de aperfeiçoamento, já está perfeita, o sistema já está

³⁰ The progress of cognition from common sense to knowledge arrives at a world which is negative in its very structure because that which is real opposes and denies the potentialities inherent in itself – potentialities which themselves strive for realization. Reason is the negation of the negative.

³¹ Dialectical thought has not hindered Hegel from developing his philosophy into a neat and comprehensive system which, in the end, accentuates the positive emphatically.

completo. *Acredito que é a própria idéia de Razão o elemento não-dialético da filosofia de Hegel. Esta idéia de Razão compreende tudo e enfim absolve tudo, porque ela tem seu lugar e sua função no todo, e o todo está para além do bem e do mal, da verdade e da falsidade.* (Marcuse, 1960, §18)³². Marcuse expõe esta possibilidade de sistema como não-dialético, em que não há mais processo. O positivo é a ênfase, o negativo já houvera sido superado. A razão enquanto enfática do positivo caracteriza a filosofia como um sistema completo, como um sistema fechado por antecipação a qualquer diferença. Este tipo de razão compreende o ser como um sistema sem possível procedimento posterior.

Enquanto essa compreensão da dialética, fundada na racionalidade da parte, exclui o processual, a razão não se estagna, ela busca continuidade. A razão da parte não perfaz a característica da dialética enquanto totalidade, a razão da parte é uma razão do quê apenas possa estar, mas não é a razão enquanto expressiva do processo dinâmico do vir-a ser, do devir: *Isto tudo pode bem ter sido parte integral daquela racionalidade que tem regido a história registrada da humanidade. Sendo assim questiona-se a própria idéia de Razão; isto a revela como uma parte, mais do que como o todo.* (MARCUSE, 1960, §18)³³.

³² I believe it is the idea of reason itself which is the undialectical element in Hegel's philosophy. This idea of Reason comprehends everything and ultimately absolves everything, because it has its place and function in the whole, and the whole is beyond good and evil, truth and falsehood.

³³ These may well have been integral parts of that rationality which has governed the recorded history of mankind. If so, the idea of Reason itself is at stake; it reveals itself as a part rather than as the whole.

Apesar da concepção de razão como parte. Apesar deste tipo de Razão, não fortuita, razão de construção pretensiosa, em que a parte se passa pelo todo, isto não faz que Marcuse abandone a razão enquanto elemento do pensamento dialético. Marcuse atesta que desde a crítica marxista à filosofia de Hegel, a racionalidade é utilizada como instrumento de representação sobre a realidade e sobre a construção conceitual sobre ela:

Isto não significa que a razão renuncie sua pretensão de confrontar a realidade com a verdade sobre a realidade. Pelo contrário, quando a teoria marxista se constitui como uma crítica à filosofia de Hegel, ela o faz em nome da Razão. (MARCUSE, 1960, §18)³⁴.

Apesar da posição existente, histórica, contingente de uma lógica da parte, Marcuse propõe a racionalidade enquanto totalidade, e de uma totalidade muito pretensiosa, a da contraposição entre a realidade e a construção conceitual sobre ela. A pretensão de uma lógica da verdade sobre a realidade, da lógica da representação da realidade. É uma busca a partir da condição de uma racionalidade de totalidade, de uma dialética deste tipo de racionalidade.

Marcuse, diante de uma filosofia da parte e diante da situação social da parte, expõe que pretende como lógica dialética, a linguagem da contradição. A capacidade de destruir a repressão do Discurso do Universo Estabelecido é uma função necessária do pensamento:

³⁴ This does not mean that reason abdicates its claim to confront reality with the truth about reality. On the contrary, when Marxian theory takes shape as a critique of Hegel's philosophy, it does so in the name of Reason.

Lógica dialética é lógica crítica: ela revela modos e conteúdos do pensamento que transcendem o padrão codificado de uso e de validação. [...] Desde que o estabelecido universo do discurso é o de um mundo não-livre, o pensamento dialético é necessariamente destrutivo, e qualquer que seja a liberação que tal discurso possa trazer é uma liberação em pensamento, em teoria. (MARCUSE, 1960, §17)³⁵.

A lógica crítica é uma construção conceitual, é uma liberação ainda do próprio pensamento. No entanto, Marcuse ratifica que uma linguagem de contradição, é um pré-requisito para se desfazer o abismo da contradição entre pensamento e ação. Só é pela união do pensar e do agir, que é possível a alteração teórica, conceitual, concomitante ao processo de alteração social.

Entretanto, o divórcio entre pensamento e ação, entre teoria e prática, faz parte mesmo do mundo não livre. Nenhum pensamento e nenhuma teoria podem desfazer isto; mas a teoria pode ajudar a preparar a fundação para sua possível reunião, e a habilidade de pensamento para desenvolver uma lógica e uma linguagem de contradição é um pré requisito para esta tarefa. (MARCUSE, 1960, §17)³⁶.

Marcuse está consciente do seu caminho dialético posterior a Hegel e Marx. Tendo notado uma falsa

³⁵ Dialectical logic is critical logic: it reveals modes and contents of thought which transcend the codified pattern of use and validation. [...] Since the established universe of discourse is that of an unfree world, dialectical thought is necessarily destructive, and whatever liberation it may bring is a liberation in thought, in theory.

³⁶ However, the divorce of thought from action, of theory from practice, is itself part of the unfree world. No thought and no theory can undo it; but theory may help to prepare the ground (or their possible reunion, and the ability of thought to develop a logic and language of contradiction is a prerequisite for this task.

dialética no pensamento de Hegel, não impediu mostrar que o próprio Hegel, propõe corrigir a razão com a própria razão:

Está de acordo com o mais profundo do pensamento do próprio Hegel, que sua própria filosofia seja “ultrapassada”, não pela substituição da Razão por alguns padrões extra-rationais, mas conduzindo a própria Razão a reconhecer a medida em que ela está ainda não razoável, cega, vítima de forças não controladas. (MARCUSE, 1960, §18)³⁷.

Diante da razão alinhada com às forças sociais opressoras, Marcuse reconhece a capacidade da própria Razão ultrapassar essa contingência prática e teórica

Já que ele (Hegel) aceita a forma histórica específica de Razão, conseguida em seu tempo, como a realidade da Razão, o avanço além desta forma de Razão precisa ser um avanço na própria Razão; e desde que o ajustamento da Razão às instituições sociais opressoras perpetuaram a não-liberdade, progresso na liberdade depende do pensamento tornar-se político, sob a forma de uma teoria que demonstre a negação como uma alternativa política implícita na situação histórica. (MARCUSE, 1960, §19)³⁸.

³⁷ It is consonant with the innermost effort of Hegel's thought if his own philosophy is 'cancelled,' not by substituting for Reason some extrarational standards, but by driving Reason itself to recognize the extent to which it is still unreasonable, blind, the victim of unmastered forces.

³⁸ Since he accepted the specific historical form of Reason reached at his time as the reality of Reason, the advance beyond this form of Reason must be an advance of Reason itself; and since the adjustment of Reason to oppressive social institutions perpetuated unfreedom, progress in freedom depends on thought becoming political, in the shape of theory which demonstrates negation as a political alternative implicit in the historical situation.

É a condição de libertação, o pensamento tornar-se político. No progresso à liberdade, Marcuse integra a Dialética à Racionalidade porque combaterá a Razão específica que sustenta a opressão. Dialética está integrada à historicidade porque esta forma de racionalidade compreende a efetivação das potencialidades humanas em situação historicamente especificada.

5. DIALÉTICA ENQUANTO SUBJETIVIDADE

Mas liberdade é para Hegel, uma categoria ontológica: isto significa ser, não um mero objeto, mas sujeito de sua própria existência, não sucumbir a condições externas, mas transformar fatalidade em realização. Esta transformação é, de acordo com Hegel, a energia da natureza e da história, a estrutura interna de todo o ser! Pode-se sentir tentado a zombar desta idéia, mas deve-se estar ciente de suas implicações.

(MARCUSE, 1960, §7)³⁹

Desde a análise da dialética enquanto racionalidade, verificamos que *sob o ajustamento da Razão, as instituições sociais opressoras perpetuaram a não-liberdade.* (MARCUSE, 1960, §19)⁴⁰. O Universo estabelecido do discurso e da ação, ajustou a racionalidade a seus moldes. *A razão, [...] foi instrumental na criação do mundo que vivemos. Ela também foi instrumental de sustentação da injustiça, do trabalho forçado e do sofrimento.* (MARCUSE,

³⁹But freedom is for Hegel an ontological category: it means being not a mere object, but the subject of one's existence; not succumbing to external conditions, but transforming factuality into realization. This transformation is, according to Hegel, the energy of nature and history, the inner structure of all being! One may be tempted to scoff at this idea, but one should be aware of its implications.

⁴⁰ [...] since the adjustment of Reason to oppressive social institutions perpetuated unfreedom.

1960, §18)⁴¹. Descobriu-se que o jogo está marcado. Possibilidades de razão e liberdade são retardadas pela dinâmica estratégica do estabelecido que produz continuamente mecanismos de regulação para repressão das liberdades e das intencionalidades dos perdedores do jogo marcado. A racionalidade instrumental (análise dos melhores meios para alcançar fins pré-determinados) trabalha em vista de fins já decifrados como particulares e a estratégia dominante é manter a consciência dos subordinados longe de poderes alteradores:

Esta dinâmica ainda parece operar sem fim dentro da própria estrutura da vida: ela regula, mais do que abole, a dominação do homem, ao mesmo tempo pelo homem e pelos produtos do seu trabalho. O progresso torna-se quantitativo e tende a retardar indefinidamente a passagem da quantidade à qualidade – isto é, o acontecer de novos modos de existência com novas formas de razão e liberdade. (MARCUSE, 1960, §3)⁴².

Há subjetividades reprimidas, há intencionalidades supressas, em favor de racionalidades dispersas. Racionalidades que se distanciariam de gêneses subjetivas, subordinadas a níveis institucionais, valorativamente superiores, porque tratar-se-iam de

⁴¹ Reason, as the developing and applied knowledge of man – as ‘free thought’ – was instrumental in creating the world we live in. It was also instrumental in sustaining injustice, toil, and suffering.

⁴² Yet this dynamic seems to operate endlessly within the same framework of life: streamlining rather than abolishing the domination of man, both by man and by the products of his labor. Progress becomes quantitative and tends to delay indefinitely the turn from quantity to quality – that is, the emergence of new modes of existence with new forms of reason and freedom.

interesses corporativos e comunitários e não de subjetividades, nem de intencionalidades. A racionalidade do estabelecido considera-se como a racionalidade definitiva, de modo que não permitirá alterações espúrias. A totalidade já está estabelecida, tanto a da práxis produtiva, quanto a da concepção do discurso.

O universo estabelecido não permanece como tal, por acaso, há subjetividades que o sustentam: *Qualquer realidade implica, portanto, uma realização – um desenvolvimento de ‘subjetividade’. Esta subjetividade ‘chega a si’ na história; onde o desenvolvimento tem um conteúdo racional, definido por Hegel, como ‘progresso na consciência da liberdade’.* (MARCUSE, 1960, §6)⁴³. As subjetividades estão presentes no *status quo*. As instituições e o poder que as mantém estão comprometidas com intencionalidades: *A abstração desta inter-relação não leva mais a uma realidade mais genuína mas à decepção, porque mesmo nesta esfera o próprio sujeito é aparentemente uma parte constitutiva do objeto, isto é, como determinado cientificamente.* (MARCUSE, 1960, §20)⁴⁴. O próprio sujeito, determinado cientificamente, o sujeito planejado, planeja meios eficientes para se chegar a resultados prescritos pelo controle estabelecido:

⁴³ Each reality, therefore, is a realization – a development of ‘subjectivity.’ The latter ‘comes to itself’ in history, where the development has a rational content; Hegel defines it as ‘progress in the consciousness of freedom.

⁴⁴ Abstraction from their interrelation no longer leads to a more genuine reality but to deception, because even in this sphere the subject itself is apparently a constitutive part of the object as scientifically determined.

Aqueles que enaltecem e regem tal conquista a têm utilizado para criar um mundo no qual o aumento do conforto da vida e o poder onipresente do aparelho de produção mantêm o homem submetido ao estado de coisas que prevalece. (MARCUSE, 1960, §20)⁴⁵.

Marcuse cita Hegel, para dizer que a liberdade é uma categoria ontológica. Isto significa que o sujeito é sujeito de sua própria existência. Marcuse mantém que a liberdade constitui a dinâmica mais profunda da existência: [...] *o indivíduo persiste numa indissolúvel harmonia com o todo e no qual as condições e as relações do seu mundo “não têm objetividade essencial independente do indivíduo”*. (MARCUSE, 1960, § 9)⁴⁶.

A subjetividade é o valor, a categoria ontológica, citada por Marcuse, mostra a firmeza com que ele expõe a prioridade do desenvolvimento da interioridade, da subjetividade do ser. Garantir o caráter ontológico da liberdade é não ceder às condições externas ao indivíduo, a denominada alienação:

A identidade é apenas a negação contínua de existência inadequada, o sujeito mantendo-se sendo o outro de si mesmo. Qualquer realidade é, portanto, uma realização – um desenvolvimento de “subjetividade”. Esta

⁴⁵ Those who enforce and direct this conquest have used it to create a world in which the increasing comforts of life and the ubiquitous power of the productive apparatus keep man enslaved to the prevailing state of affairs.

⁴⁶ For the history of mankind, this means attainment of a ‘state of the world’ in which the individual persists in inseparable harmony with the whole, and in which the conditions and relations of his world ‘possess no essential objectivity independent of the individual’.

subjetividade “chega a si” na história; onde o desenvolvimento tem um conteúdo racional, [...] (MARCUSE, 1960, §6)⁴⁷.

O universo do *status quo*, além do simples aliciamento de cidadãos, com seu poder fabuloso de criar condições externas promove meios para satisfazer a interioridade. No entanto o sujeito pode guardar para si, a auto imposição simbólica e real no sistema produtivo atualizado capitalista, da subjetividade do capital que não é mais subjetividade, ela morreu quando foi separado do trabalho vivo.

A Grande Recusa, como práxis de ordem, análoga a palavra de ordem, é a certeza de uma vida para nosso autor. Neste prefácio, Marcuse mostra que circula pelos mais significativos problemas da filosofia contemporânea, procura diferenciar-se d' *Aqueles que enaltecem e regem tal conquista a têm utilizado para criar um mundo no qual o aumento do conforto da vida e o poder onipresente do aparelho de produção mantêm o homem submetido ao estado de coisas que prevalece*”. (MARCUSE, 1960, §20)⁴⁸.

Onde Marcuse encontra forças para enfrentar uma organização cada vez mais complexa do capital? O poder da organização estabelecida para submeter as

⁴⁷ [...] and identity is only the continuous negation of inadequate existence, the subject maintaining itself in being other than itself. Each reality, therefore, is a realization - a development of 'subjectivity.' The latter 'comes to itself' in history, where the development has a rational content; Hegel defines it as 'progress in the consciousness of freedom.

⁴⁸ Those who enforce and direct this conquest have used it to create a world in which the increasing comforts of life and the ubiquitous power of the productive apparatus keep man enslaved to the prevailing state of affairs.

subjetividades, desde os primeiros enfrentamentos da Filosofia Crítica de Frankfurt, passando pela II Guerra, e pelos autoritarismos políticos até o autoritarismo unidimensional da sociedade industrial. Sua certeza está na força da Subjetividade.

Todos os fatos incorporam tanto quem os conhece tanto quem os executa. Eles constantemente convertem o passado no presente, e os objetos por isso 'contêm' subjetividade em sua própria estrutura. (MARCUSE, 1960, §4)⁴⁹.

Qualquer realidade é, portanto, uma realização – um desenvolvimento de “subjetividade”. Esta subjetividade “chega a si” na história; onde o desenvolvimento tem um conteúdo racional, definido por Hegel, como “progresso na consciência da liberdade”. (MARCUSE, 1960, §6)⁵⁰.

⁴⁹ All facts embody the knower as-well as the doer; they continuously translate the past into the present. The objects thus 'contain' subjectivity in their very structure.

⁵⁰ Each reality, therefore, is a realization - a development of 'subjectivity.' The latter 'comes to itself' in history, where the development has a rational content; Hegel defines it as 'progress in the consciousness of freedom'.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CIRNE – LIMA. *Dialética para Principiantes*. Porto Alegre: EPUCRS, 1996.

HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução de Paulo Menezes. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEGEL, G.W.F. *Phenänomenologie des Geistes*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1986.

MARCUSE, H. *Razão e Revolução - Hegel e o Advento da Teoria Social*. Tradução de Marília Barroso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARCUSE, H. *Reason and Revolution - Hegel and the Rise of Social Theory*. Boston: Beacon Press, 1960.

MARCUSE, H. *Raison et Révolution - Hegel et la naissance de la théorie sociale*. Traduction de Robert Castel et Pierre-Henri Gonthier. Paris: Les Éditions de Minuit, 1968.